

# Estágio em artes visuais como campo de pesquisa

Visual arts internship as a field of  
research

Pasantía en artes visuales como campo  
de investigación

**Juliano Reis Siqueira<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Graduação em Artes Visuais - Bacharelado em escultura (2005), Licenciatura plena em desenho e plástica (2007) e mestrado em Educação (2009) pela UFSM. Doutorado em Artes Visuais (2019) pela UDESC. Professor adjunto da UEL na Licenciatura em artes visuais, atuando na área de arte-educação, escultura e teoria da arte. Endereço para acessar este Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8014633709940019>; Orcid <http://ORCID:0000-0002-4101-1350>; E-mail [juliano@uel.br](mailto:juliano@uel.br)

**RESUMO**

Este artigo busca pensar o estágio em artes visuais como campo de pesquisa, como contato da investigação plástica com a docência na formação do professor de arte. Esta conexão entre pesquisa e educação pode possibilitar experiências colaborativas que rompem com o modelo disciplinar que opera na maioria das escolas. O estágio e a escola são olhados como objetos de pesquisa, à luz das ideias de Foucault (2019), na busca de desenvolver estratégias, para além dos exercícios escolares de transmissão de informações (PEY, 2000). O fazer artístico implica movimentos no espaço e ações que contrastam com a imobilização do corpo na carteira escolar e em frente às telas. O estágio pode abrir espaço para uma educação que não aciona os dispositivos de disciplinamento e sai da indiferença, para problematizar uma pedagogia dividida em dirigentes e dirigidos, que tem a norma hierárquica como política de verdade.

**PALAVRAS-CHAVE**

Estágio em Artes Visuais; Disciplinamento; Ensino de Artes Visuais

**ABSTRACT**

This article seeks to consider the visual arts internship as a field of research, as a contact between plastic investigation and teaching in the formation of the art teacher. This connection between research and education can enable collaborative experiences that break with the disciplinary model that operates in most schools. In light of Foucault's ideas (2019), the internship and the school are seen as objects of research, in the search to develop strategies, beyond the school exercises of transmitting information (PEY, 2000). The artistic making implies movements in space and actions that contrast with the immobilization of the body in school's desks and in front of screens. The internship can make room for an education that does not trigger disciplining devices, but leaves indifference behind in order to problematize a pedagogy divided into leaders and directed, which has the hierarchical norm as a policy of truth.

**KEY-WORDS**

Visual Arts internship; Disciplining; Teaching of Visual Arts.

## **RESUMEN**

Este artículo busca pensar la pasantía en artes visuales como un campo de investigación, como un contacto entre la investigación plástica y la docencia en la formación del profesor de arte. Esta conexión entre investigación y educación puede posibilitar experiencias colaborativas que rompan con el modelo disciplinario que opera en la mayoría de las escuelas. El internado y la escuela son vistos como objetos de investigación, a la luz de las ideas de Foucault (2019), en la búsqueda de desarrollar estrategias, más allá de los ejercicios escolares de transmisión de información (PEY, 2000). El hacer artístico implica movimientos en el espacio y acciones que contrastan con la inmovilización del cuerpo en el pupitre escolar y frente a las pantallas. La pasantía puede fomentar una educación que no dispare dispositivos disciplinarios y deje la indiferencia, para problematizar una pedagogía dividida en líderes y dirigidos, que tiene la norma jerárquica como política de verdad.

## **PALABRAS-CLAVE**

Pasantía en Artes Visuales; Disciplinamiento; Enseñanza de las Artes Visuales.

O estágio obrigatório das licenciaturas em artes visuais pensado como campo de pesquisa pode se tornar um espaço para o artista professor em formação problematizar a liberdade na escola. O estagiário, além de compelido por exigências burocráticas, muitas vezes tem que se adaptar a um contexto de reprodução de exercícios escolares e digitalização do ensino. No estágio sentimos os efeitos do protocolamento compulsório e expansivo, que tende a exaurir as forças artísticas e anestesiar a sensibilidade necessária para percepção dos signos sutis de uma pesquisa artística em movimento e seus possíveis desdobramentos educativos.

Com um olhar foucaultiano sobre a educação, Pey, Bacca & Sá (2004) nos deixam pistas para pensar o estágio. Relaciono as ideias de Maria Oly Pey com o estágio na primeira parte do artigo, problematizando o disciplinamento e a escolarização. Na sequência discuto a *espiritualidade política* e a *experiência utópica* em Foucault (2019), considerando o estágio um espaço para pensar a educação de modo mais amplo, para além da maquinaria escolarizante. Ao final retomo as ideias de autoformação (PEY, 2000) para imaginar, no estágio, práticas educativas que possam desestabilizar as estruturas e o funcionamento escolar.

Os encontros dos estagiários com os estudantes das escolas podem romper com o disciplinamento, quando possibilitam espaços de invenção e desafiam noções enrijecidas de organização do tempo e do espaço; possibilitando a criação plástica, através de estratégias de abertura à imaginação, à sensação e aos sentidos. Todavia o estágio está inserido num contexto educacional controlado pelo Estado, que insiste em mostrar que não se pode ficar somente no sonho e na imaginação poética; mas que o nosso papel seria de adequar a “arte” ao modelo escolarizado de transmissão de informações.

Como a arte não é informação, o seu “ensino” depende de criar condições para desencadear experiências artísticas e estéticas. Experiências que podem acontecer de múltiplas formas envolvendo relações corporais, afetivas e matéricas, irreduzíveis ao modelo informacional. Estamos colonizados pelas regras que orientam o entendimento do funcionamento da sociedade ocidental, que com o desenvolvimento anômalo do capitalismo perverteu as noções de liberdade e autonomia, usando as instituições do Estado. Olhar para burocracia que atravessa o estágio pode ajudar a procurar a gênese das coisas instituídas em nosso pensamento, em nossas ações, e “varrer” as coisas mesquinhas que constituem o nosso viver (PEY, BACCA & SÁ, 2004, p. 9).

No estágio é possível abalar verdades naturalizadas e relacionar pesquisa e docência. O papel do orientador não é dar conselhos; é fornecer instrumentos, nunca dizer o que deve ser feito; pois não temos respostas prévias à investigação; porém podemos mostrar aos estagiários algumas ferramentas, que podem quebrar a ânsia por respostas prontas, abalar alicerces e desconstruir verdades. A “caixa de ferramentas” de Foucault é uma imagem que Maria Oly Pey nos apresenta na busca de criar um instrumental de pesquisa para o estágio, que quebre coisas, imagens e palavras e coloque a mostra suas visibilidades.

O estagiário pode promover rupturas que fazem a diferença tanto para sua formação docente como para os estudantes da escola. Oficinas de arte no estágio

ou no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) podem mudar itinerários, criar desvios de caminhos pré-estabelecidos. A intensidade das experiências artísticas desconcerta o funcionar naturalizado das instituições educacionais. As aulas de arte, geralmente, são consideradas inconvenientes nas escolas, pois anarquizam a ordem disciplinar e deixam evidente que, “do ponto de vista não disciplinar, o discurso da ordem institui o desconhecimento como conhecimento oficial” (BACCA, PEY & SÁ, 2004, p. 20).

Com Foucault percebemos nas instituições educacionais e artísticas as relações de saber, problematizamos a produção de saber e percebemos as “condições de possibilidade” para a produção dos saberes artísticos; neste sentido podemos nos sensibilizar para as relações de poder e transformar nosso jeito de olhar o estágio, percebê-lo como algo vivo atravessado por pesquisas artísticas em movimento e que pode ser olhado na condição de “objeto de pesquisa” e campo de experimentação artística. A pergunta que Maria Oly faz ao “instrumental metodológico” foucaultiano é: “E isso na educação?”; podemos perguntar: E isso no estágio? E isso na arte? O que significa olhar o estágio e a arte com esse instrumental? Com as pistas de Maria Oly, seguimos as pegadas de Foucault<sup>2</sup>.

No estágio como pesquisa podemos abarcar múltiplos objetos de interesse. Como o orientador de estágio pode usar esse instrumental para instigar no estagiário um outro olhar sobre o domínio de seu objeto de interesse? Os artistas-educadores transitam em muitos domínios de objeto, os principais são: arte e educação. No estágio formal podemos considerar a escola um objeto de interesse na pesquisa. Foucault olhou para vários domínios de objetos, incluindo a escola, que ele considerava uma forma de prisão.

Maria Oly sugere usar esse instrumental para questionar a arte, a pedagogia, a escola e o estágio com seus exercícios, rituais e práticas escolarizadas. A cada estagiário cabe fazer a problematização voltada ao objeto de interesse de sua pesquisa. Com Foucault o estagiário pode aprender um outro jeito de se colocar diante dos objetos de conhecimentos e escapar do rebanho, escolarizado e digitalizado, que aciona, constantemente, dispositivos disciplinares que resultaram no controle a céu aberto (Deleuze, 1992, p. 219-226).

A formação do professor está inserida numa lógica colonial de formação profissional, uma profissão burguesa que se adapta ao contexto de vida burguês. Entrar no estágio, muitas vezes, corresponde ao abandono da pesquisa e a busca de justificativas para se moldar, sem muitos atritos, à dita “realidade escolar”, que ainda obedece à lógica do confinamento estruturada, no ocidente, a partir do século 17. No processo de confinamento se extrai saberes e se produzem especialidades científicas em um domínio de conhecimentos conhecido como disciplina.

O saber disciplinar coincide com o saber das disciplinas científicas. Porém o saber artístico é muito maior do que a ciência, do que o conhecimento, do que a disciplina

---

<sup>2</sup> PEY, Maria Oly, BACCA, Ana Maria & SÁ, Raquel Stela. Nas pegadas de Michel Foucault: apontamentos para a pesquisa de instituições. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004. Este livro é o resultado de transcrições a partir de fitas cassetes, do curso Educação: o olhar de Foucault, ministrado por Maria Oly Pey na UFSC em 1995.

científica. O conhecimento sobre arte não se restringe à teoria e crítica da arte. A existência da arte é anterior e ultrapassa às teorias da arte; o saber educacional é muito mais amplo que a história da pedagogia. A pedagogia deriva do confinamento de alunos na escola; a história da arte também se relaciona com o *confinamento* de obras de arte nos museus. Com esses confinamentos foram possíveis a extração de saberes considerados legítimos no mundo moderno. Foram construídos discursos de tal forma, que foram legitimados e constituíram políticas de verdade, que aparecem como verdades absolutas.

Maria Oly Pey (2004, p.28) mostra que para Foucault a disciplina científica é um encarceramento do saber. A disciplina de arte pode ser pensada como o encarceramento dos múltiplos saberes artísticos. Em termos espaciais e temporais os saberes da arte e da educação são infinitamente maiores do que a arte como disciplina e suas derivações como disciplinas científicas como a história da arte e a pedagogia da arte.

Essas disciplinas científicas envolvem os enunciados de verdade, que ganharam *status* de cientificidade no século 19, quando o conhecimento passa a ser ditado pela disciplina e seus especialistas, que falam e detêm a verdade sobre a arte e a educação. Maria Oly nos instiga a usar as ferramentas de Foucault para pensar nossos objetos de pesquisa na arte e na educação; ao olhar para o estágio podemos problematizar o sentido de ministrar uma aula sobre um tema determinado por outros e não sobre a própria pesquisa ou sobre aquilo que o estagiário deseja.

Podemos imaginar um estágio sem restrições disciplinares, livre dos conteúdos arbitrários das disciplinas, que não seja orientado por critérios de cientificidade; no qual seja possível explorar a arte como um saber, muito aquém e além, das disciplinas científicas; lecionar implica compartilhar com os estudantes da escola o andamento das pesquisas do estagiário como artista e professor e explorar as condições de possibilidade do saber artístico e dizer não à forma disciplinar de se tratar este saber. Para não tratar a história da arte como se ela se esgotasse na história dos museus dos países colonizadores; nem tratar a história da educação apenas como história da pedagogia, que nunca vai dar conta de esclarecer todos os saberes sobre educação.

Sonhar com um estágio sem as limitações disciplinares dos saberes; estudar a arte não é somente estudar suas teorias; sua história; é necessário muito mais. É preciso experimentar os saberes artísticos e não apenas estudar as disciplinas sobre arte, que são construções de verdades. Pey (2004, p. 30) mostra que essas construções de verdades “arrumaram um estatuto de legitimação de verdade no âmbito dos saberes modernos”. Para pesquisar e estudar com esse olhar de Foucault é preciso ultrapassar a arte como disciplina. Essas “ferramentas” nos ajudam a não considerar o saber artístico de forma contínua e linear, que é o modo que a arte ainda é trabalhada em muitas escolas e em muitos estágios.

Na história da arte essa continuidade linear é comumente apresentada nas aulas; o estatuto de verdade legítima depende de forças, poderes e interesse de legitimação, e não da coerência dos conceitos. No estágio é possível dizer não à continuidade? Realizar uma ruptura, além da ordem dos conceitos e dos discursos;

a ruptura está na ordem do acontecimento, que não se restringe à mudança de discurso e conceituação. É preciso estar atento no estágio às regras do jogo, que legitimam alguns saberes artísticos e relativizam outros; e às brechas que aparecem e possibilitam um acontecimento no espaço escolar; o qual se constitui numa mudança no regime de verdade, nas regras de construção da verdade, um cambio que não se limita ao discurso.

Estudar a arte e a educação é investigar as relações que se dão nos espaços institucionais. Para além do discurso, isso envolve relações de poder, relações de saber, correlações de forças que atravessam os espaços institucionais da escola, do museu e da universidade. Os arte-educadores tem certos discursos sobre o ensino e mediação que não acontecem nas escolas e nem nos museus; lá ocorrem relações de outra ordem, que não tem nada a ver com o discurso pedagógico e artístico. São relações de poder que põem em curso um certo funcionamento da escola como máquina de disciplinamento, ao mesmo tempo que o discurso pedagógico trata da aprendizagem do aluno. Enquanto as palavras do discurso pedagógico e artístico pronunciam um dizível que tem a ver com os saberes, com o que se escreve, o que se proclama e o que se legisla sobre a Educação e Arte, as máquinas escolares realizam a escolarização, que é o visível e tem a ver com as relações de poder na escola. A pedagogia e a história da arte funcionam como regimes de enunciados; enquanto a escola e o museu funcionam no regime das forças (PEY, BACCA & SÁ, 2004, p.31).

O estágio em artes visuais como campo de pesquisa proporciona uma maneira de investigar diferente; pois desestabiliza as ciências e a superioridade dos especialistas; incomodando àqueles que querem manter o discurso da arte como conhecimento científico. Estudar os saberes artísticos e educacionais envolve trazer visibilidade a saberes invisibilizados pela ciência, enquanto a academia só considera o científico disciplinar. O estágio pode ser uma oportunidade de colocar em xeque a arte e a educação. Um olhar foucautiano sobre o estágio descontrola tudo que os outros olhares ratificam e isso pode incomodar muito, portanto nos espaços de estágios é preciso caminhar estrategicamente para perceber as condições de possibilidade que foram necessárias para construir os discursos de verdade.

Foucault não deu tanta atenção ao processo de colonização como marco histórico, estava mais interessado nos acontecimentos na ordem dos saberes e dos diagramas de poder. O disciplinar constitui-se pela ruptura da ordem do saber, que inventa disciplinas como a pedagogia, que estuda o comportamento das crianças e seus modos de aprender. O estagiário pode superar o disciplinamento e desencadear o acontecimento, que é algo inédito, inusitado e que tem mais a ver com o acaso e a necessidade movida pelas relações de poder, do que com causa e consequência (PEY, BACCA & SÁ, 2004, p.34).

O estagiário atento às relações de força que se estabelecem nas instituições educacionais percebe que alguns discursos são privilegiados ao estatuto de verdade e outros são menosprezados nestas relações de forças. Essa restrição dos saberes aos limites das disciplinas científicas acontece a partir da modernidade colonial e implica em relações de poder de diferentes ordens: disciplinar, de controle, de vigilância.

## Estágio: acontecimento ou disciplinamento?

Para iniciar o estágio tanto em âmbito municipal (educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental) como em âmbito estadual (anos finais do ensino fundamental e ensino médio) são geralmente exigidos uma série de documentos que as instituições e órgãos do Estado usam para controlar e regular o estágio, em um contexto de escolarização compulsória para docentes e discentes.

Os representantes dos órgãos do Estado justificam a importância de tamanha documentação que supostamente favorece o “bom andamento” da escolarização, termo usado como se fosse sinônimo de pedagogia. No sentido de ação direta, uma estratégia foucaultiana no estágio seria sabotar

os poderes de dominação da instituição que se diz educativa no sentido de criatividade, autonomia, liberdade e competência, mas que realiza, na sua melhor forma disciplinar, o desconhecimento, a dominação, a heteronomia e o embotamento de qualquer iniciativa livre (PEY, BACCA & SÁ, 2004, p. 181).<sup>3</sup>

Olhar a pedagogia, a escola e o estágio à luz do pensamento de Foucault, pode gerar interpretações que facilitam a compreensão do funcionamento institucional, dos efeitos de saber/poder e dos modos de subjetivação produzidos pelas instituições envolvidas no estágio. Uma pesquisa educacional que dialoga com a arte pode usar essas ferramentas para sondar o não-pensado, o inusitado; para pensar a escola como objeto de pesquisa e compor estratégias de aprendizagem que não acionem os dispositivos disciplinares, mesmo dentro dos espaços escolares.

A Didática é um discurso com pretensão científica, que com as ferramentas de Foucault se revela como disciplinamento do conhecimento escolar-acadêmico voltado para os comportamentos, as maneiras de ser, os jeitos de trabalhar na/da escola. A Didática como disciplina (saber) e disciplinamento (poder) tem tecnologias constitutivas como distribuição dos indivíduos no espaço, delimitação do espaço de enclausuramento, numa lógica de fixação, distribuição das atividades do indivíduo no tempo, o horário, o programa, uso exaustivo do tempo, em síntese escolarização, coisas que não tem nada a ver com a educação (PEY, BACCA & SÁ, 2004, p. 183-184).

No estágio, os estudantes se deparam com a divisão do ensino e da aprendizagem em etapas sucessivas e ordenadas das mais simples às mais complexas reforçando a ideia de desenvolvimento e progresso dos indivíduos. No término de cada etapa se estabelece uma prova e se prescreve exercícios de acordo com o nível. Quando o estagiário chega na escola, vê em funcionamento uma máquina eficiente com sujeitos politicamente neutralizados, que dissemina uma moral de obediência automatizada que se transforma em hábito e é controlada por uma vigilância hierarquizada.

---

<sup>3</sup> Referência ao trabalho de BELTRÃO, Irecê. *Corpos doces, mentes vazias, corações frios: didática – o discurso científico do disciplinamento*. São Paulo: Imaginário, 2000.



Na escola o poder está escalonado e distribuído em degraus hierárquicos, sendo exercido através de observação, registro, comparação, classificação e organização de ações produtivas e atitudes submissas. Uma objetivação dos indivíduos. Outra tecnologia constitutiva da *Didática* como disciplinamento é a punição, que separa as ações do campo do desejo e as integra na ordem do exercício, com vistas à conformidade, à adequação do comportamento ao modelo escolhido como padrão.

O olhar de Foucault ajuda o estagiário a perceber a dissociação de prazer e realidade necessária para o poder funcionar. Muitas vezes o estagiário é “obrigado” a se adequar ao jogo recompensa-punição (prêmio-castigo), que envolve operações como: comparação com o modelo ou norma; hierarquização que ordena em níveis; homogeneização para reforçar a conformidade ao padrão; e exclusão ou normalização.

O estagiário atravessado por diferentes tecnologias de poder disciplinar; fica espremido entre o discurso pedagógico crítico e a escola como máquina de enclausuramento; começa a descobrir que

os regulamentos e regras que ordenam o funcionamento do estágio na escola não são educação. O disciplinamento é a sujeição dos corpos para o controle da vida. O discurso da escola não fala em educação, mas da prescrição para organizar a multiplicidade de forma produtiva, bem organizada e fácil de conduzir (PEY, BACCA & SÁ, 2004, p. 185).

As ferramentas de Foucault (2019, p.13-14) forçam a pensar nas transformações das formas de se insurgir; nos atenta às práticas e às estratégias de insurreição. Esta atenção é uma importante tarefa do estagiário que quer compreender a escola e a educação. Para além da transformação da escola, o estágio implica a transformação de si mesmo; para isso é necessário repensar as estruturas de análise usadas na investigação e estar à espreita dos acontecimentos, os quais permitem a criação de outros modos de se relacionar com as novas formas de subjetividade: com a arte, com a educação, com o corpo, com a pesquisa.

## **Espiritualidade política e experiência utópica em Foucault**

O uso da caixa de ferramentas de Foucault pode quebrar alguns rituais escolares, em uma saudável revolta contra o excesso de controle e protocolamento compulsório do processo de estágio, que abarca uma rede de indivíduos: estagiários, coordenadores de estágio, diretores de escola, docentes supervisores da escola, orientadores de estágio nas universidades, técnicos de pró-reitorias de graduação e funcionários de núcleos e secretarias estaduais e municipais. Pretende-se, a partir dos conceitos de *espiritualidade política* e *experiência utópica* (Foucault, 2019), pensar estratégias de abertura de possibilidade para uma educação que não aciona os dispositivos disciplinares.

Para Foucault, os ocidentais perderam a espiritualidade política, que talvez seja

importante na revolta. Essa espiritualidade envolve uma força que pode se voltar contra um regime de opressão que se disfarça de educação. Essa força implica uma vontade de sublevação. Espiritualidade como prática pela qual a pessoa é deslocada, transformada, transtornada até a renúncia da própria individualidade, da posição de sujeito. Não ser mais sujeito em relação a um poder de uma política educacional escolarizante, mas um sujeito de um saber artístico, sujeito de uma experiência estética (Foucault, 2019, p.21).

Aparece no estágio uma possibilidade de insurgir-se a partir da posição de sujeito-estagiário fixada por um poder curricular. A espiritualidade é tornar-se outro. As instituições educacionais nos prescrevem em que devemos nos tornar outro, qual direção devemos seguir. Uma reviravolta educacional só é possível a partir de um movimento que abala as estruturas hierárquicas das instituições. Colocar a educação contra a escolarização. Ativar as forças de estagiários e professores contra um poder que nos oprime pode ser a raiz de uma mudança brusca na educação.

O estágio como campo de pesquisa exige a sensibilidade do estagiário diante dos mecanismos de poder. A indiferença é sintoma da anestesia frente ao intolerável regime de submissão. O estagiário espremido entre a universidade e a escola precisa responder com o estágio; e a vontade de ser outro pode desencadear um movimento desviante, uma ruptura. Mudar tudo para Foucault (2018, p. 26) implicava mudar a si mesmo, ser outro, sem saber quem será esse outro.

Experiência para Bataille não é afirmação do sujeito, é ruptura; no risco o sujeito aceita sua transmutação, transformação, abolição. Experiência é arriscar, não ser mais si mesmo. Experiência é um estado de arrebatamento, que não leva a porto algum, mas a um lugar de extravio, de não-sentido. O não-saber pode ser um princípio para pensar o estágio; pois a experiência nasce do não-saber e nele permanece (BATAILLE, 2016, p.33).

A dimensão espiritual da ação para Foucault implica o desnudamento da espiritualidade, um esforço de sublevação dos sujeitos. "O que pode ser feito dessa vontade de espiritualidade que reaparece sob estado nu sob os escombros das grandes esperanças...". É preciso praticar a sublevação, ou seja, a recusa do sujeito-aluno no qual os estagiários se encontram. Recusar a própria identidade e a permanência. A recusa do que somos pode ser a condição para recusar o mundo. No estágio pode-se instigar uma insurreição de sujeitos que já não querem mais serem assujeitados (FOUCAULT, 2019, p. 34-35).

A rebelião no estágio perverte a relação de poder e não cessa de se opor aos excessos escolarizantes e indicar-lhes limites. O papel do estagiário é o de abalar as estabilidades. Essa revolta para Foucault requer uma vontade distinta do desejo e da razão, mas agenciada com a consciência. Trata-se aqui de pensar a posição do artista professor na escola, não ditar leis aos estagiários, que já são submetidos a um regime de burocracia e hierarquia.

Foucault pensou na possibilidade de uma experiência utópica. Utopia como vontade de uma transformação radical, que se apresenta como prática de liberdade. A experiência utópica transformadora e liberadora dentro da ordem existente. "Uma

experiência é algo do qual saímos transformados”. A transformação da relação com o mundo e consigo mesmo pode ser aqui e agora. Não é aderir a uma doutrina; o que importa é a experiência de mudança de si. “A experiência alteradora é ir em direção de algo que é completamente diferente”. A utopia é antes de tudo uma questão de experiência (FOUCAULT, 2019, p. 103-104).

Foucault entendia experiência como aquilo que permite fugir das condições de possibilidade de uma época, que pode possibilitar um deslocamento, uma modificação dos modos de viver e educar, uma transformação de si. A experiência é o que ultrapassa o limite sob o risco da dissolução de quem somos; experiência do impossível. A transgressão no estágio constitui-se numa transposição de um limite no espaço escolar. O estagiário pode abordar o saber artístico como algo historicamente descontínuo, não um acúmulo progressivo, mas algo resultante de rupturas, uma experiência de transformação do objeto e do sujeito.

Uma experiência transgressora seria possível no estágio? A partir de Foucault o estagiário pode confrontar o saber, o poder e a norma. Confrontação que é condição de transformação. Essa experiência no estágio pode ser individual ou coletiva e a partir dela percebemos transformações na ordem do saber artístico no espaço escolar, rupturas e descontinuidades; uma experiência alteradora e transformadora. Quanto aos poderes, às disciplinas e às normas podemos falar de uma intensa experiência de recusa, de resistência e de desobediência; uma prática de si transformadora.

A existência não pode ser totalmente aprisionada pelos saberes, poderes e normas de conduta; a educação não pode ser totalmente aprisionada pelos modelos de escolarização. Práticas de liberdade são sempre possíveis, inclusive no estágio; são elas os motores dos deslocamentos e os vetores das transformações subjetivas. A experiência é inseparável da possibilidade de transformação e em Foucault é um conceito que articula saber, poder e subjetividade.

Experiência utópica é uma experiência de alteração; na qual se dissolve as condições de possibilidades reinantes e envolve transgressão, resistência, insurreição, levante, que remetem às experiências da alteridade. A utopia como experiência é um espaço que exige um deslocamento, um ato que transforma, uma prática que altera, um gesto que contesta, um movimento que desloca e inventa o futuro. Práticas de liberdade são para Foucault experiências; que podem nos ajudar a pensar o estágio, a escola e as relações de poder em uma instituição disciplinar.

Não há leis nem instituições liberadoras, pois a liberdade para Foucault é da ordem da experiência ou da prática. O poder e a liberdade devem ser exercidos. Numa concepção espacial e heterotópica da utopia; heterotopias seriam tipos de utopias efetivamente realizadas; espaços outros; os quais acionam a experiência através de um movimento no espaço. A utopia é o lugar das diferenças. No estágio podemos pensar numa forma de resistência ativa, ou deslocamentos para escapar de autoridades, atribuições ou identificações. O espaço é fundamental no exercício de poder; e também é o “lugar privilegiado para compreender como escapar ao poder” (LAVAL, 2019, p.119).

O corpo é o melhor vetor da utopia; ele que produz a utopia; é o movimento

que atravessa o espaço. O corpo é onde o poder inscreve sua marca na intenção de docilizá-lo; mas é o corpo que permite escapar do poder e contestá-lo. A imobilização do corpo na carteira escolar e agora em frente às telas é sintoma da hiper-docilização dos corpos discentes e docentes. O corpo quer ser outro daquilo que querem fazer os poderes. A experiência utópica de Foucault nos instiga a olhar o estágio como uma vontade de transformação e uma decisão de se deslocar. Vontade ligada ao risco e ao sacrifício.

Um estágio utópico se desloca para transformação; como uma travessia com riscos e perigos. A oposição ao quadro normativo escolar é a vontade de educar de outra maneira, se desejamos mudar o regime educacional devemos correr riscos nos estágios. A vontade de pensar e educar de outro modo se opõe ao poder constituído. “Não há outra garantia de liberdade que não seja a prática da liberdade.” A vontade de uma educação outra é experimentada no confronto com o poder escolar, na recusa de uma educação designada e definida pelo poder (LAVAL, 2019, p.124).

Voltando nosso olhar para o estágio como campo de pesquisa, Foucault nos mostra a importância da experiência utópica no trabalho do pesquisador. O sonho é que o próprio trabalho na escola seja uma experiência utópica. Uma pesquisa sobre estágio, do ponto de vista foucaultiano, envolve um objeto (as aulas de arte da escola), um objetivo (produzir uma alteração em relação ao saber e ao poder) e um efeito subjetivo (se transformar). A experiência limite é aquela que arranca o sujeito dele mesmo. Sair transformado no final do estágio significa poder estabelecer novas relações com a educação e com a arte. Pensar diferentemente e viver diferentemente no terreno ético e político é vivenciar a experiência utópica.

O estágio é mais uma ação em um contexto de lutas contra as normas e tipos de poder; mais uma insurreição de conduta contra os efeitos de poder. Uma parte das lutas contra o controle que se exerce sobre os corpos e sobre as subjetividades; lutas contra a atribuição administrativa da identidade, contra o governo pela individualização. Contra a submissão de subjetividades às identidades fixadas. Lutas contra o *pastorado estatal* que administra e individualiza o máximo possível. O estagiário atento pode perceber brechas para desestabilizar os mecanismos de poder que o assujeitam.

Pesquisar a escola pública no estágio pode nos mostrar a predominância dos discursos pedagógicos autoritários, embora também haja espaços dialógicos. Os estágios refletem uma estrutura e dinâmica escolar que oferece muitas barreiras ao diálogo como a segmentação; além das dificuldades físicas, financeiras e a falta de recursos materiais. As políticas educacionais são regidas pelo interesse das classes dominantes fazendo da escola um mecanismo de reprodução do discurso pedagógico autoritário, que incentiva o “servilismo, o cinismo e a hierarquia entre os atores do cenário escolar” (PEY, 1988, P. 154).

O estágio é um espaço privilegiado para o artista educador em formação enfrentar essas dificuldades, pensar nestas contradições e discutir com os envolvidos. A luta pela educação pública passa pela compreensão de como o Estado autoritário vem gerindo a escola. Maria Oly não considerava os atores da escola autoritários em si, mas estão exercendo o autoritarismo em função de uma prática condicionada por

uma estrutura e dinâmica autoritária.

Sonhamos com a escola como espaço de resistência, luta e transformação social. Porém quando vemos as crianças sendo tratadas como presos políticos, imobilizados em carteiras, congeladas em frente as telas, em filas, proibidas de brincar enquanto esperam os pais; perguntamos: em que pedagogia isso se fundamenta? E recorremos a Dewey (1964, p.143-152) que pensou a experiência como algo que, antes de mais nada, é ação.

O estágio, em contextos escolares, pensado a partir Dewey (1948, p.67) deveria enfatizar o aspecto ativo na educação: a expressão, o desenvolvimento muscular e os movimentos; considerar que o estado de consciência é essencialmente motor e impulsivo e que os estados conscientes tendem a projetarem-se em ações. Desconsiderar esse princípio causa uma perda de tempo e energia, pois coloca o estudante numa atitude passiva, receptiva e absorvente. As condições de ensino que imobilizam o corpo (na escola e na educação remota) não permitem que o estudante siga sua própria natureza motora.

Os processos intelectuais e racionais, ou seja, as ideias, são também resultado da ação e se desenvolvem para controlar melhor a ação. Razão é primariamente a lei da ação ordenada ou efetiva. Para Dewey desenvolver a capacidade de raciocínio e juízo sem referência à seleção e ordenamento dos meios de ação é o erro fundamental dos métodos educacionais.

O estagiário deve estar atento para captar os signos sutis emitidos pelos estudantes, signos que revelam capacidades ocultas. O desafio no estágio é descobrir estas capacidades e fomentar os interesses dos estudantes. As emoções são reflexos das ações, por isso Dewey (1948, p.68-70) falava em formar hábitos corretos de ação e pensamento; e denunciava a tentativa de divorciar o sentimento da ação.

No estágio podemos rever o conceito de experiência, cujos "materiais" consistem em maneiras adaptáveis de ação, através do fazer artístico, do movimento do corpo no espaço, da abertura às sensações, aos sentidos e aos afetos. A sensibilidade anestesiada pode ser descondicionada e o estágio romper com as fronteiras disciplinares; e abrir espaço para uma educação que não aciona os dispositivos de controle, mas investe na vontade e interesse de quem aprende, na participação ativa dos estudantes em uma escola experimental em estreita relação com a universidade.

Nos processos educacionais, o que somos pode ser mais importante que uma pesada bagagem intelectual. O estágio pode ser visto como uma busca de "coerência com aquilo que anuncio e acredito", um espaço para deixar os estudantes tirarem suas máscaras de alunos. Para sair da mentalidade hierárquica, o estagiário não se colocaria como dirigente, pois isso definiria o tipo de ordem que se vai instituir na convivência com os estudantes: "se uma ordem hierárquica ou uma ordem anárquica" (PEY, 2000, p. 66-67).

O estágio curricular em âmbito não formal escapa das amarras disciplinares, possibilita o movimento coletivo de autoformação, desta forma pode-se imaginar uma educação que não confunde

conhecimento com disciplinas escolares, em classes acadêmicas, em instituições piramidais (...) não confunde competência intelectual com acumulação de diplomas. Não se atribui mais saber ao indivíduo com mais permanência nos bancos escolares e, conseqüentemente, mais vasto currículo acadêmico (PEY, 2000, p. 68).

O desafio do estagiário é confrontar os discursos educacionais e o funcionamento escolar; sem separar teóricos de práticos, sem cair no vício da ordem hierarquizada que separa a atividade em cerebral e motora. O estágio pode sair da lógica dirigentes/ dirigidos, que está presente e funciona em milhares de escolas e universidades, independente dos discursos que os professores proferem (PEY, 2000, p. 68).

Mudar implica transgredir a ordem hierárquica institucional de escolas e universidades, quebrar estruturas e funcionamentos organizacionais. No estágio, qual seria a possibilidade de ruptura? Para desestabilizar a ordem estrutural das coisas, ou seja, o funcionamento da máquina institucional hierarquizante. Anarquizar a educação é potencializar o surgimento de tipos de subjetividades outras, desestabilizantes da ordem hierárquica, que constitui o sujeito e suas sujeições.

Um estagiário que se predispõe a possibilitar a emergência do novo, do diferente, mais do que discursos novos, vai ter que mergulhar em experimentações da ordem anárquica. O que podemos fazer no estágio é modificar o ato educativo na instituição escolar e tentar transformá-lo numa "prática de estudar em convivência, com vistas à autoformação coletiva" uma espécie de coletivo artístico dentro da escola. Isto pode ser possível, se o estagiário está disposto a uma construção coletiva de conhecimento em regime de troca, reciprocidade, ajuda mútua, que para se concretizar demanda ausência de hierarquias. Nos espaços de agrupamento compulsório é um desafio pensar nos grupos de autoformação, nos quais criar e estudar são atos sociais; "e aprender um ato relacional que acontece no diálogo, na hora em que se deseja em conjunto" (PEY, 2000, p. 69).

O estágio pensado a partir das ideias de Maria Oly requer uma atenção voltada para vida, para a própria história, uma valorização da experiência dos elementos do grupo. Um desvio da ordem hierárquica que manda separar a teoria da prática, manda esquecer os conhecimentos locais e obedecer aos cânones ditos universais. Um estágio mais vivo e menos burocrático fomenta nos estudantes da escola uma iniciação ao fazer artístico compartilhado, no qual são desnecessários dirigentes e dirigidos. Dispor-se a trabalhar junto como política de pesquisa e educação.

Dentro das possibilidades curriculares, temos o estágio não formal em algumas licenciaturas em artes visuais, que abre uma brecha maior para os grupos de autoformação, na forma de oficinas que se constituem na "troca e construção de saberes não disciplinares, nas quais o fazer é condição de possibilidade para o aprender". As oficinas implodem hierarquias de conhecimentos e disciplinas e trazem "pontos de vista considerados insignificantes, indesejáveis, tortos, pequenos, mesquinhos" (PEY, 200, p.72).

As ferramentas de Foucault nos ajudam a quebrar a política de verdade que

intensifica a escolarização e orienta o pensamento dos jovens para digitalização da vida. Para pensar diferente, Maria Oly, nos lembra que é preciso agir diferente do que se age; não opondo-se dentro da mesma lógica, mas por desvios que possibilitam o não pensado, a criação. Escrevemos e falamos sem “quebrar as palavras e muito menos a máquina disciplinar acadêmica que das palavras/pedagogias se alimenta, reproduzindo a máquina/escola”. No estágio podemos “provocar avarias na máquina disciplinar acadêmica interferindo no ‘edifício escolar’, em seus pilares, suas estruturas hierárquicas”. Fazer do discurso quase um martelo. Emperrar a máquina, mesmo que só um pouquinho. (PEY, 2000, p. 73).

No estágio, principalmente no âmbito não formal das oficinas, podemos com as pistas de Maria Oly sair da indiferença para problematizar uma pedagogia dividida em dirigentes e dirigidos, que toma a norma hierárquica como política de verdade. Para produzir no estágio uma educação que desenvolva subjetividades menos servis, que rompa com a arraigada tradição da servidão voluntária e que se desdobre em grupos de autoformação à margem dos processos escolares acadêmicos e da capitalização de artigos críticos. Sem a experiência do saber artístico, acabamos subordinados pela teoria e no estágio corremos o risco de cair na mesma lógica disciplinar.

## Referências

BATAILLE, Georges. **A experiência interior**: seguida de Método de meditação e Postscriptum 1953. Belo Horizonte: Autêntica, 2016

BELTRÃO, Irecê. **Corpos dóceis, mentes vazias, corações frios**: didática – o discurso científico do disciplinamento. São Paulo: Imaginário, 2000.

CORRÊA, Guilherme Carlos. Oficina: Novos territórios em Educação. In: **Pedagogia Libertária**: experiências hoje. São Paulo: Imaginário, 2000. p. 77-153.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. **Conversações**: 1972-1990. São Paulo: Ed. 34, 1992. p.219-226.

\_\_\_\_\_. Foucault. **Brasília**: brasiliense, 1998.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **El niño y el programa escolar**: mi credo pedagógico. Buenos Aires: Losada, 1948.

\_\_\_\_\_. **La reconstrucción de la filosofía**. Buenos Aires: Aguilar, 1964.

\_\_\_\_\_. **Una fe común**. Buenos Aires: Losada, 1964.

FOUCAULT, Michel. **O enigma da revolta**: entrevistas inéditas sobre a revolução iraniana.

São Paulo: n-1, 2019.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 3: O cuidado de si.** São Paulo: Paz e terra, 2014.

\_\_\_\_\_. **Isto não é um cachimbo.** São Paulo: Paz e terra, 2021.

LAVAL, Christian. Foucault e a experiência utópica. In: FOUCAULT, Michel. **O enigma da revolta: entrevistas inéditas sobre a revolução iraniana.** São Paulo: n-1, 2019. p.103-142.

PEY, Maria Oly. **A escola e o discurso pedagógico.** São Paulo: Cortez, 1988.

\_\_\_\_\_. Constatações de uma professora infame. In: Experiências dos grupos de autoformação. LUENGO, Josefa; MONTERO, Encarnación; PEY, Maria Oly & CORRÊA, Guilherme Carlos. **Pedagogia Libertária: experiências hoje.** São Paulo: Imaginário, 2000. P.7-12.

PEY, Maria Oly, BACCA, Ana Maria & SÁ, Raquel Stela. **Nas pegadas de Michel Foucault: apontamentos para a pesquisa de instituições.** Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

TANNER, Laurel N. **Dewey's Laboratory School: lessons for today.** Foreword by Philip W. Jackson, published by Teachers College Press: New York, NY, 1997.

**Submissão: 13/03/2022**

**Aprovação: 04/04/2022**